

COMBOIO HISTÓRICO DO DOURO



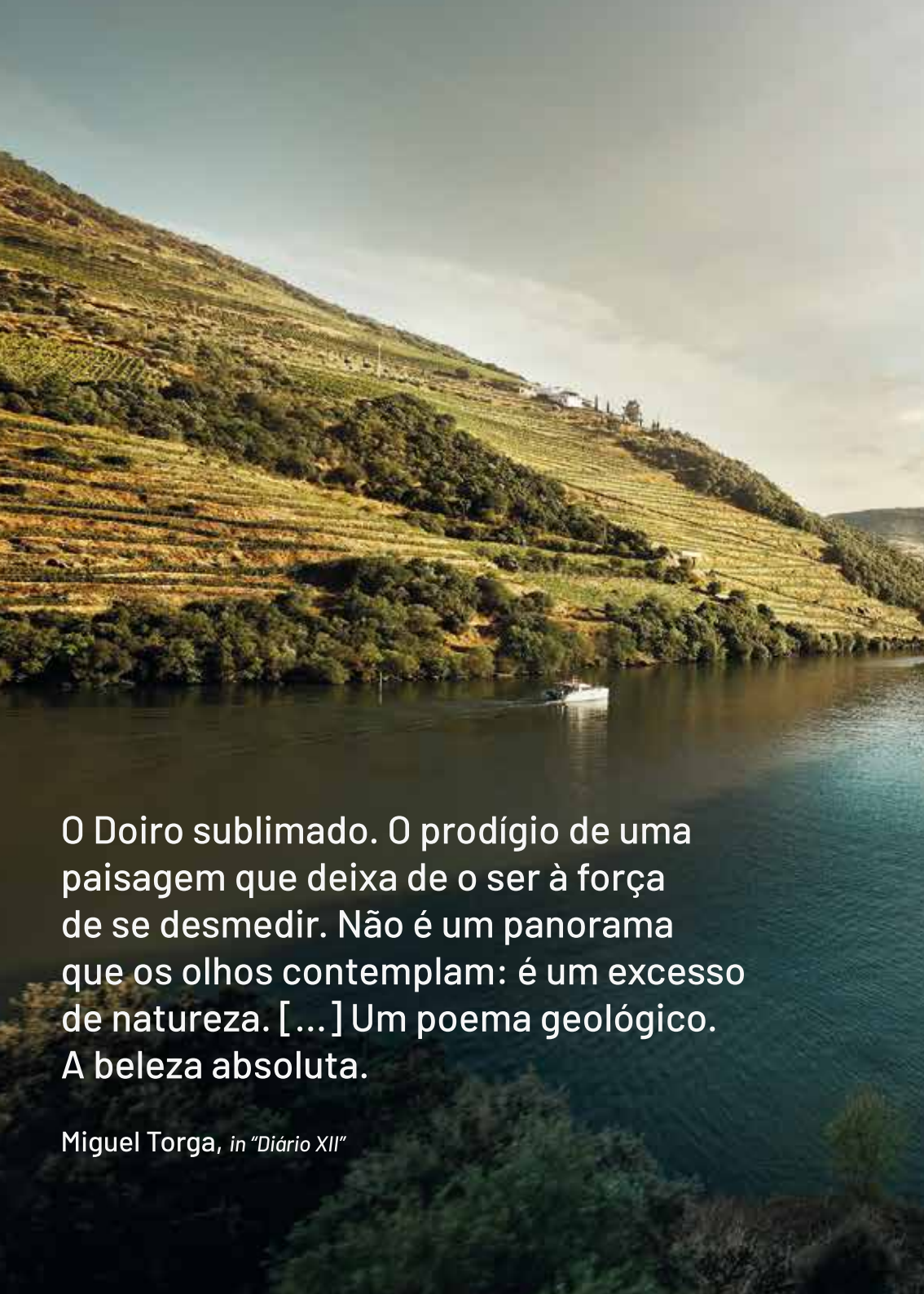
Uma viagem de outros tempos
numa paisagem única.

Junho 2025

FERREIRA
ESTE 1793
PORTO



COMBOIOS DE PORTUGAL



O Doiro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso de natureza. [...] Um poema geológico. A beleza absoluta.

Miguel Torga, in *"Diário XII"*



NO DOURO

A viagem pela Linha do Douro, entre a Régua e o Tua, é uma experiência única que permite apreciar as belas paisagens do Douro Vinhateiro, Património Mundial da UNESCO desde 2001 e que representam o trabalho do Homem integrado com a natureza. Uma viagem reconhecida internacionalmente pela UIC – União Internacional dos Caminhos-de-ferro.



A LINHA

Reconhecida como uma das obras-primas da engenharia ferroviária portuguesa, a Linha do Douro é uma ligação regional que serve os distritos do Porto, Vila Real, Bragança, Viseu e Guarda. Começa em Ermesinde, concelho de Valongo, e, até 1988, terminava em Barca d'Alva, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, junto à fronteira com Espanha.



COMBOIO HISTÓRICO DO DOURO



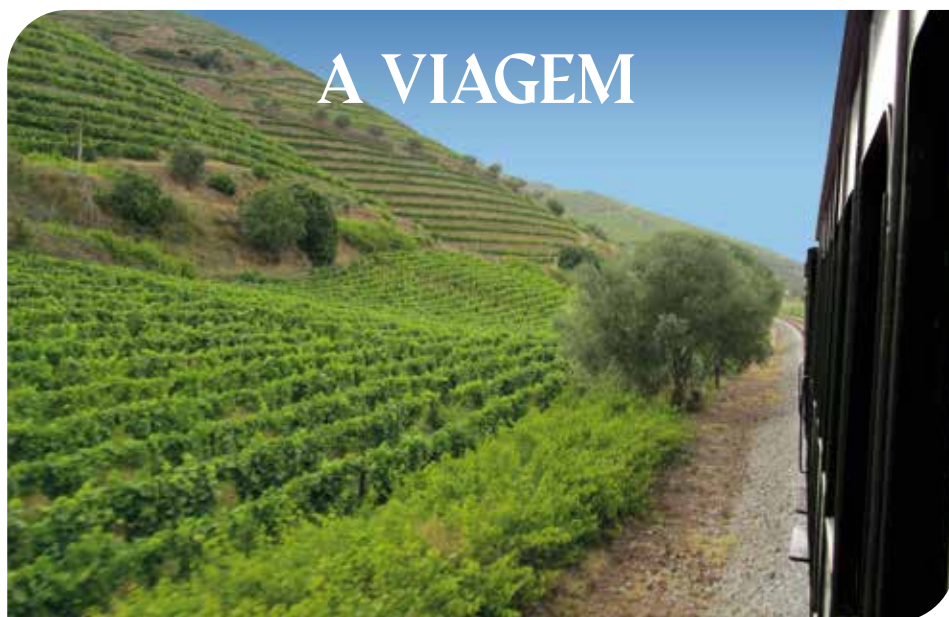
A chegada do comboio – e com ele o progresso – permitiu estabelecer o transporte regular de pessoas e mercadorias, nomeadamente o vinho, e quebrar o isolamento de regiões que, à época, tinham como únicas ligações estradas em muito mau estado ou a arriscada navegação pelo Douro.

Em 1875 inicia-se a construção da Linha do Douro e, quatro anos mais tarde, chega o primeiro comboio à estação da Régua. Com a chegada do comboio ao Pinhão, em 1880, ficava consumado o grande objetivo de ligar o Porto ao Douro Vinhateiro.

O ano de 1883 marca a inauguração do troço até ao Tua. A ligação até Barca d'Alva ficou operacional em 1887 e com ela, uma das primeiras ligações ferroviárias internacionais com ligação direta a Salamanca e Madrid, atualmente desativada. Até 1988, a linha tinha quase 200 quilómetros de extensão. Atualmente, a Linha do Douro liga o Porto ao Pocinho, ao longo de 172 quilómetros servidos por 37 estações e apeadeiros, cuja grande parte do percurso é efetuada lado a lado com o rio Douro.

COMBOIO HISTÓRICO DO DOURO





A VIAGEM

Durante 36 quilómetros, a uma velocidade que não ultrapassa os 50km/h, o Comboio Histórico percorre o troço entre a Régua e o Tua, permitindo disfrutar tranquilamente de alguns dos mais belos postais ilustrados que caracterizam a Região Demarcada do Douro. Uma viagem vivida e sentida de um modo especial, que remete os passageiros para o ambiente de épocas remotas e a bordo de uma composição histórica.

Na Régua, importante interface ferroviário de onde no passado partia o comboio da Linha do Corgo em direção a Vila Real e Chaves, os passageiros partem do século XXI para viajar na História deixando-se envolver pelos detalhes das carruagens de madeira, acompanhados pelo brinde com vinho generoso do Porto, pelos tradicionais e famosos rebuçados da Régua e animados pelos cantares típicos da região.

Quando o comboio parte de uma linha junto do antigo cais coberto de mercadorias, e inicia a sua marcha, veem-se os primeiros trabalhos do que teria sido a ligação ferroviária até Lamego e Viseu, materializado na atual ponte rodoviária da Régua. A Grande Depressão de 1929 e o repensar da política de obras públicas levaram a que esta ligação nunca fosse concretizada apesar do canal ferroviário ter sido integralmente gravado na paisagem até Lamego.

À SAÍDA DA RÉGUA E A CAMINHO DO PINHÃO

O apito da locomotiva ecoa pelo vale e marca a partida para mais uma viagem. As janelas abertas e os varandins nas extremidades das carruagens são os sítios de preferência dos passageiros para começar a usufruir da experiência... e são poucos os que ficam sentados.



O comboio atravessa a ponte metálica sobre o rio Corgo, um dos afluentes do Douro, atravessa um primeiro túnel até chegar à barragem de Bagaúste datada de 1973, onde os barcos do Douro sobem e descem pelas eclusas para prosseguir viagem. Em direção à vila do Pinhão, o comboio segue pela margem direita do rio e entra na sub-região de produção de vinho do Cima-Corgo. À janela das carruagens contempla-se a verde e exuberante paisagem desenhada pelos socalcos vinhateiros, obra-prima do talento do Homem, e pintalagada pelas

quintas produtoras que marcam a sua presença ao longo do trajeto.

Antes de chegar ao Pinhão, surge a pitoresca estação de Covelinhas, que serve a aldeia com o mesmo nome. Com a típica arquitetura das estações do Douro e uma vista privilegiada para o espelho de água, distinguem-se uma série de pequenas baías correspondentes à confluência de diversas linhas de água com o Douro. Nalguns casos, há zonas de lazer com embarcadouros de recreio.

O PINHÃO

Quando foi projetada, a Linha do Douro terminaria no Pinhão. No entanto, por pressão da burguesia portuense e de D. Antónia Ferreira, empresária e figura marcante do Douro que dedicou parte da sua vida à produção de Vinho do Porto, foi prolongada até Barca d'Alva.

A vila do Pinhão, a quem o político, médico e escritor Jaime Cortesão chamou de «o miocárdio do Douro», desenvolveu-se devido à comercialização do vinho do Porto e da via férrea, tendo sido construídos vários armazéns e entrepostos vinícolas. Os 24 painéis, compostos por 3047 azulejos, encomendados em 1937 à conceituada Fábrica Aleluia, em Aveiro, fazem da estação do Pinhão uma galeria de arte ao ar livre, cujos painéis retratam toda a Região Demarcada do Douro e atividade vitivinícola, as fainas agrícolas, as paisagens e os costumes.

O Pinhão tem aquela que é a mais bela estação da Linha do Douro.

A paragem do comboio histórico no Pinhão possibilita uma visita à Wine House instalada na estação. É um espaço onde poderá encontrar uma grande variedade de vinhos do Douro, da Casa Ferreirinha, produtora do famoso Barca Velha, vinhos do Porto da Ferreira, Offley e Sandeman. O espaço inclui também uma loja para degustação e venda de produtos regionais. Entre vinhos de qualidade e produtos gourmet, o mais difícil vai ser resistir.

PANORAMA
DO PINHÃO

DE PARTIDA DO PINHÃO EM DIREÇÃO AO TUA

A viagem é retomada sempre com o Douro do lado direito.

Toda esta paisagem é colorida por quintas e aldeias que se avistam ao longo da imponência do Douro Vinhateiro.

Com o afastamento do paredão da barragem de Bagaúste, o nível das águas do rio tende a regressar às suas origens.

A aproximação à confluência com o rio Tua traz consigo uma mudança na paisagem, aqui mais agreste e rochosa.

Já na estação do Tua, em tempos uma referência ferroviária do qual partiam os comboios regionais da linha do Tua em direção a Mirandela e Bragança, é possível avaliar e ver o importante património ferroviário que faz parte do legado industrial do Vale do Douro.

No Tua, é tempo de fazer uma pausa e contemplar o rio Douro, enquanto se espera pela viagem de regresso, com novas panorâmicas e ângulos sobre a riqueza paisagística da região, aproveitando as alterações de luz solar e as primeiras sombras que cobrem o vale.

Aproveite para registar os momentos imperdíveis que o ajudarão a recordar um passeio sem pressa de voltar.





UMA LINHA, TRÊS PATRIMÓNIOS

Considerada um ex-libris turístico do país, a Linha do Douro insere-se numa magnífica paisagem e é a única no mundo que liga três locais classificados como Património Mundial da Humanidade: o Centro Histórico da Cidade do Porto, o Vale do Douro Vinhateiro e as Gravuras Rupestres de Foz Côa.



Percorrer esta linha é também uma das melhores formas de conhecer o norte de Portugal. A via férrea cruza o território da Rota do Românico, na sub-região do Tâmega e Sousa, e atravessa as três sub-regiões associadas à produção do vinho no Vale do Douro: Baixo Corgo de Barqueiros à Régua, Cima Corgo da Régua ao Tua e Douro Superior do Tua a Barca d'Alva.

No entanto, a sua verdadeira relíquia é o Comboio Histórico, que nos leva a viajar no tempo e ao encanto do passado.

OS FERROVIÁRIOS

Os Ferroviários eram sujeitos a uma disciplina e regulamentação rígidas, inspirada na instituição militar que forneceu o modelo de organização e os primeiros técnicos especializados.

Dentro das várias especialidades profissionais, salientam-se o Maquinista, o Chefe da Estação, o Operário de Oficina e o Revisor, desde sempre os mais populares e os que mais povoaram o imaginário do mundo do trabalho até ao último quartel do século XX. Na fase do vapor, o Maquinista estava associado ao Fogueiro, o seu parceiro inseparável. O Maquinista movia a alavanca de marcha, acionava o regulador, controlava a velocidade e observava a sinalização do seu lado (esquerdo). Ao mesmo tempo, o Fogueiro abastecia a caixa de fogo com carvão, controlava a pressão do vapor e a admissão de água à caldeira e observava a sinalização do seu lado (direito). A forma de vida desta dupla indissociável era muito diferente da de outros trabalhadores, estando sempre em trânsito e preparados para sobreviver fora do seio familiar, mas sempre dentro do comboio.

O Revisor garantia a venda e verificação de bilhetes, certificando-se se estavam reunidas as condições de segurança e comodidade da circulação e dos passageiros.



AS CARRUAGENS DO COMBOIO HISTÓRICO



Carruagem Histórica ACDt 484
Número antigo: 8129002-0
Construtor: Nicaise&Delcuve (Bélgica), em 1912.



Carruagem Histórica CTF 5511
Número antigo: 2429056-6
Construtor: Oficinas dos Caminhos-de-Ferro do Estado Minho e Douro – Porto Campanhã, em 1930.



Carruagem Histórica CTF 5513
Número antigo: 2429057-4
Construtor: Oficinas dos Caminhos-de-Ferro do Estado Minho e Douro – Porto Campanhã, em 1930.



Carruagem Histórica ACDt 481
Número antigo: 8129001-2
Construtor: Nicaise&Delcuve – Bélgica, em 1908.



Carruagem Histórica CTF 2282
Número antigo: 2429055-8
Construtor: Oficinas Gerais da Figueira da Foz, em 1934.